

PARA:

Digníssimo Senhor

Provedor de Justiça

Vossa Referência: N/houve	Vossa Comunicação: N/houve	Nossa Referência: 01/2014	Nossa Comunicação: Só esta	Data: 2014-01-03
------------------------------	-------------------------------	------------------------------	-------------------------------	------------------

EXPOSIÇÃO-DENÚNCIA

JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS, CONTRIBUINTE Nº 151975620, POSSUIDOR DO BILHETE DE IDENTIDADE NÚMERO 3451368, EMITIDO EM 01/06/2006, PELO ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO DE VILA REAL, Nº DA SEGURANÇA SOCIAL 108037073, CASADO - SEPARADO DE FACTO - , NATURAL DA FREGUESIA DE SANTA EUGÉNIA E RESIDENTE NA RUA DA BARREIRA, EDIFÍCIO DA CASA DO POVO, DO MESMO CONCELHO DE ALIJÓ, VEM,

DISTINÇÃO PREVIA, EXPOR, INFORMAR e REQUERER

a V. Exa. o seguinte:

DISTINÇÃO PREVIA:

“QUERO DESDE JÁ ALERTAR PARA O FACTO DE QUE NÃO É MINHA INTENÇÃO OFENDER ALGUÉM E QUE QUALQUER SEMELHANÇA É PURA COINCIDÊNCIA”.

Expor

I.

1- Ser-me-á difícil aqui expor alguma coisa de aproveitável sem fazer, a esse respeito uma importante distinção previa.

2- É, para mim, o direito a uma vida minimamente condigna ó *Saúde, Educação, e, fundamentalmente a satisfação das chamadas necessidades básicas inscritas na pirâmide de Maslow* ó um valor inalienável de qualquer sociedade democrática.

3- E a distinção é esta. Quando se fala em Valor, Valores, podemos entender por este conceito duas coisas muito diferentes:

a) Ou entendemos por ele os Valores ou Fins valiosos histórica e sociologicamente desejados e procurados pelos homens nas diferentes fases da sua vida espiritual ó *hic et nunc* - , ou seja, numa linguagem hegeliana, culturalmente objectivos e objectivados;

b) Ou entendemos por tal conceito aqueles Valores que numa outra visão, já supra-histórica e transcendente das coisas *ó na visão também hegeliana dum «espírito absoluto»* ó julgamos serem incondicionalmente desejados e procurados por nós *ó ubique, nunc et semper* ó.

1- No primeiro caso encontramos-nos diante dum problema de Antropologia ou Sociologia Culturais, ou, se quisermos, de Filosofia da Cultura.

2- No segundo, encontrar-nos-emos diante dum problema de Filosofia Pura, de Axiologia Pura, e até de Metafísica.

3- O primeiro será um problema histórico de «valorações»: o segundo, da pura essência do «valioso».

4- Ora, dependendo sempre a solução deste segundo problema *ó se dermos à expressão valor o segundo sentido* ó dos sistemas filosóficos de ideias, das crenças e concepções, do mundo de cada um, tomarei aqui a dita expressão só no primeiro sentido, ou seja, no sentido histórico.

5- E a questão agora é esta: *õ* Que valores e Fins humanos sociais como supremos, que últimos ideais *ó valham eles o que valerem* ó se têm procurado alcançar em todos os tempos, neste País, quando os homens falam em democracia? Para que tem esta servido até hoje no domínio existência política e ético-política quando contemplamos a existência numa simples perspectiva histórica?

6- A resposta às perguntas que acabo de formular, têm sido, como se sabe, nos mais diversos tempos e governos, assaz diferentes.

7- A diferença *ó a meu ver* ó provém, por assim dizer, da vária acentuação tónica que pusermos no conceito de democracia: na frase formada pelo complexo conjunto de finalidades e valores que nela se têm em vista.

8- Seja, porém, como for, o indiscutível - *que convém nunca esquecermos* - é que existe no fundo de todas estas diferentes maneiras de acentuar a palavra democracia um elemento, um étimo, comum. Qualquer que tenha sido a ideologia ao serviço da qual a democracia tantas vezes se tem colocado, degenerando umas vezes em demagogia, outras em oligarquia, e até outras ainda em tirania *ó representação de partido único ou totalitarismo democrático* - , uma coisa contudo é certa. Antes disso, foi sempre a ideia de **BEM COMUM** e de **UTILIDADE DO MAIOR NÚMERO DOS CIDADÃOS, COMO FIM MAIS VALIOSO**. Mas não só isso. Se perscrutarmos as coisas algo mais em profundidade, voltando a fazer aqui um pouco de Fenomenologia, melhor, de análise fenomenológica, só em busca de ideias, não tardaremos em descobrir aí também, na mais íntima ideia dum **primeiro fim valioso** , **um outro: O DO RESPEITO PELA PRÓPRIA PESSOA DO HOMEM**.

9- Está pois aí bem à vista aquilo a que chamamos os **VERDADEIROS FINS E VALORES DA DEMOCRACIA: AQUELES FINS E VALORES A QUE ESTA, NA PUREZA DOS CONCEITOS E NO SIGNIFICADO DAS SUAS TENDÊNCIAS HISTÓRICAS, PRESTA E SEMPRE PRESTOU HOMENAGEM.** À parte todas as aberrações e contradições impostas pela realidade às ideias, sempre a ideia da democracia se moveu nestas águas, se enamorou deste axioma e não de outro.

I. I.

Seria completamente impossível a qual ser humano, nesta modesta exposição proceder à descrição minuciosa de uma vida de vicissitudes ímpares e que representa também a descrição da minha resposta possível a tão variadas situações.

Poderia, por exemplo, principiar por fazer a desmontagem de muitos niilismos e niilistas que como «carrças ou gordas «sanguessugas» se penduram, agarram e «chupam» tudo o que lhe esteja ao alcance.

É por demais sabido que a afeição ou o ódio mudam a face da justiça; muda-a também, a malvadez, os maus instintos, inatos ou de educação. O certo é que todas essas formas de oportunismo, tendem a vingar numa sociedade onde, talvez por efeito da maçã podre ó uma só é suficiente para apodrecer as demais - , esses cultuadores do mal dos outros, do ter em prejuízo do ser, se vão exponencialmente multiplicando e assim muito mais rápido do que o alguma vez imaginado, se vão impondo. Veja-se a título de exemplo como se achará bem mais justa a causa defendida por um Advogado bem pago de antemão, comparativa com a causa defendida pela maioria dos nomeados ao abrigo do 'apoio judiciário! Quanto o gesticular audacioso do primeiro e até o brilho da sua Toga a faz parecer bem mais justa aos olhos também gananciosos de alguns, poucos, talvez, demasiados, com certeza, juízes enganados por tal encenação...

Singular razão, é certo, que um vento faz mudar e em todos os sentidos!

Se algum preconceito faz parte ou é inerente ao meu ser, é julgar que o Estado – em toda a sua dimensão e extensão, – existe para servir o cidadão. E, acerca disto, penso que é imperioso que os “Serviços Públicos” estejam cada vez mais à altura das exigências da colectividade, melhorando a sua “Eficácia” e aumentando a “Prontidão” na sua resposta.

Julgo também, que se tem vindo a promover, a modernizar, a tornar mais eficaz, a “Administração Pública”, a desburocratizar e a simplificar os “Serviços Administrativos”.

Tenho a certeza, por ter feito um seguimento atento e interessado, que já são numerosas e variadas as medidas tomadas nesse sentido e, se os ventos da discórdia e da imobilidade, normalmente soprando

das «bandas» de «prepotentes e incompetentes, normalmente cunhas quadradas em buracos redondos» não atrasarem, impedirem e ou boicotarem, outras de interesse geral se seguirão.

Mas, penso também que o Governo – este ou outro - está consciente do que de muito há ainda por fazer. Adequar a “Administração Pública” à evolução e desenvolvimento da “Sociedade”, da “Colectividade”, do “Cidadão”, da “Cultura” e da “Economia” é tarefa nacional, que a todos deve empenhar para promover a sua eficácia, celeridade e aumentando a prontidão da sua resposta.

Importa, igualmente, que os “Cidadãos” disponham de um cabal conhecimento dos seus direitos e da maneira como, em cada caso, em cada circunstância, devem relacionar-se com a “Administração Pública e outras Entidades de Serviços Públicos”. Sem essa informação que ao Estado – a meu ver – compete facultar e tornar acessível, são os direitos das pessoas postos em causa e é prejudicado o próprio “Interesse Público”, na medida em que a “Administração” fica afectada na sua missão de servir a sociedade.

Porém, a vasta e ambiciosa missão da tarefa em que neste e até noutros domínios, já se meteu ombros, não se esgota, naturalmente, no que até agora refe ri.

Trata-se, no fundo, de fomentar uma nova “Cultura Administrativa” e um novo relacionamento entre o “Estado e o Cidadão “.

A iniciativa inovadora que agora se começa, representa um passo importante na consolidação prática do espírito, que deve nortear a “Administração Pública”, a de colocá-la ao serviço dos Portugueses.

Contudo, deve-se estar particularmente atento a “Barreiras Centenárias”, que tudo fazem, para que nada se faça e tudo continue como dantes; Quer não informando os que nada sabem, acerca dos seus direitos, quer reprimindo os que, um pouco mais

despertos, iniciam o seu estado de vigília. Até lá, um longo e espinhoso caminho na espera. De qualquer forma, manifesto também o meu sincero obrigado pela coragem já demonstrada, não se escusando ou poupando a esforços, apenas e só, com o fim de “Tudo destruir e nada Construir”. Demonstrando antes, uma persistência, honradez e verdade, no cumprimento daquilo que será mais útil ao cidadão.

Da minha parte, tudo farei, o meu pequeno contributo, dá-lo-ei sempre que os meus interesses – e mesmo os de terceiros -, integridade, bom nome e liberdade pessoal, sejam fortemente lesados, denunciando tais factos e ou situações.

Se mais não for feito, mesmo que mais não se fizesse, do que proporcionar as condições a priori, i.e., necessárias e universais, sem medo de qualquer futuras represálias e ou até quebra de sigilo, para que eu possa desta forma e com a tranquilidade com que o faço, dirigir-me à – para mim -, individualidade mais competente na resolução pacífica deste problema, já teria merecido a pena.

I. I.I.

A crise do sistema capitalista de produção é uma realidade patente aos olhos daqueles que pensam de forma crítica e não se subordinam a receber o “conhecimento” arditosamente manipulado, reestruturado e muito bem elaborado pela elite dominante, detentora do poder Económico e, de certa maneira, Cultural da Sociedade actual. A não solução dos problemas sociais, aliado às tenções sociopolíticas da Adesão de Portugal ao capitalismo internacional, fundamentalmente através da Banca e da elite de meia dúzia de Macro empresas, forçaram a burguesia a revisar as suas Fontes Teóricas adoptadas anteriormente, visando

agora, a uma nova base teórica capaz e “Justificar” a sua dominação e opressão. Muito bem revista, a fonte teórica burguesa incorpora assim, o grande filão, “O Neoliberalismo”, conhecido também como “Modernidade”, “Híper capitalismo” ou “Turbo capitalismo”. Com ele, aparece a qualquer custo – inclusive e especialmente a custo dos mais pobres – a chamada “Globalização da Economia, meio através do qual a burguesia expande rapidamente a sua nova ideologia. Evidentemente, tais medidas visam garantir os privilégios sempre obtidos pelos detentores do poder Político-económico na história do nosso Planeta e, naturalmente, para que estas medidas sejam bem recebidas, precisarão de uma política escandalosamente desvinculada de Abril; o que actualmente já acontece e é também desvinculada da ética.

A Exclusão Social só não é mais explícita para os que, embora tendo olhos, não enxergam, embora tendo ouvidos, não ouvem e, embora tendo coração não conseguem sentir a dor dos que passam fome e são barbaramente explorados.

Bem na frente do Palco estão o Neoliberalismo, por de trás do Palco encontra-se um sistema mundial, fortíssimo instrumento de domínio, que incorpora um género, um modelo coercivo - AQUI NA PARVÓNIA, NOVA FORMA MAIS EFICAZ (ATÉ CONHECEM A NOSSA IDEOLOGIA PARTIDÁRIA E A NOSSA CONDIÇÃO ECONÓMICA E RELIGIOSA) de fascismo - **de comportamento do homem e da sociedade.**

“Essa gente tem demonstrado não apenas uma insensibilidade em relação ao sofrimento dos que estão na pobreza. Essa gente, tem insensibilidade moral e despreocupada irresponsabilidade! ...

Mas, ao contrário do que professam, os excluídos ainda não são um resíduo, um segmento social que ficou excluído, para trás, e ainda não foi atingido pelo nível de desenvolvimento alcançado pelos “Bem de Vida”. Esse tipo de formulações procura passar a ideia de que a

Pobreza desse constituinte da população onde me situo, constitui uma situação transitória, uma etapa que será naturalmente superada à medida que a riqueza dos “Bem de Vida” transbordar para os “Mais Pobres”.

Não. O mercado não vai integrar “naturalmente”, por obra e graça do Divino Espírito Santo essa camada social onde me situo. Ao contrário, ela é parte integrante do sistema económico montado no nosso país, e a sua (nossa) pobreza serve ao conforto da maioria dos “Bem de Vida”.

Depois noticia-se: Portugal tem vindo a suportar crescentes problemas de segurança nas prisões e na sociedade.

Como pode deixar de ser assim, quando se prejudicam arbitrariamente cidadãos e quando se comete tanta injustiça?!

Estou absolutamente convencido – pelo menos desde que ganhei o estatuto de novo pobre – que alguns funcionários com óptimos salários, muitos, ou poucos, demasiados, com certeza, daqueles que deviam defender-nos, em Portugal, são os primeiros a ter necessidade de compreender o que é que nos nossos dias, são as finalidades das coisas. Talvez encontrem:

Estatísticas oficiais e normativos internos sobre quem tem ou não direitos e quem tem ou não deveres? Quem deve ou quem tem a receber?

- A) Orientação para Analisar e Verificar minuciosamente antes de dar qualquer resposta...ou ameaça?**
- B) Se se deve ou não lesar o cidadão?**
- C) Se é ou não legal receber comissões e ou alvíssaras por não se fazer nada, i.e., por pura laqueirice?**
- D) Infracções e ou mesmo corrupções...**

Uma vez recolhido este corpus de dados, tendo por objectivo o permitir uma exploração cruzada da informação obtida, passem a

observar o número de casos, de pessoas menos correctos e respectiva percentagem em termos de população residente, a tipologia dos casos cruzada com as diferentes razões pelas quais as pessoas são corruptas ou corrompem, a tipologia de funcionários corrompíveis, taxas dessa criminalidade, o número de pessoas submetidas a pressões ilegais e alternativas à eficácia e tolerância, funcionários corruptos, incompetentes e cunhas quadradas em buracos redondos, por população e seu custo, técnicos ou profissionais ou directores, de bom e de mau nível, eficácia e custo, chefes medíocres e seus encargos para todos nós. As Ciências Sociais, com seus inquéritos de pesquisa sistemática e rigorosa o mais possível, podê-los-á ajudar e muito, inclusive a pensarem a quem se deve atribuir efectivamente responsabilidades. Desde há muito tempo que sou apologista do denominado conhecimento adquirido em «contexto real ao longo da vida». Muitas vezes apontei como exemplo de desenvolvimento físico e intelectual a multiplicidade de situações e contextos acontecidos na realização do mais simples dos trabalhos.

Pretendo com isto dizer que também eu – ao longo de mais de meio (1/2) século de existência – adquiri algum conhecimento.

Como sempre me interessei por tudo o que à pessoa humana dissesse respeito, o meu conhecimento foi essencialmente adquirido em contexto real de trabalho, no contacto com o meu semelhante e, em grau mais reduzido, em contexto académico e leitura autónoma.

Assim, numa busca contínua de entender o Homem, conheci Homens simples, muitos, a maioria, talvez, demasiados, com certeza, com poucas letras, mas, quase sempre rectos no carácter e determinados no fazer. Muitos deles, deixaram obra admirável.

Não é menos verdade que outros nunca conseguiram realizar

sonhos de uma vida melhor; A vida foi-lhos destruindo, tropeçando aqui ou ali, caindo acolá ou aqui, ficando no caminho, com muitos, demasiados sem dúvida, momentos, sem sorte, sem saúde, sem futuro e sem possibilidades, variadas vezes, de terem um pouco de pão, um trabalho, uma cama.

Contudo, quase todos, continuam a ser rectos no carácter.

Alguns deixaram o campo e partiram para a cidade e ou - OUTRORA MESMO A SALTO - para o estrangeiro. De igual forma, alguns destes, deixaram obra admirável, orgulho da família e agradecimento da sociedade; outros, tropeçando, caindo, sem futuro e sem possibilidades de tão-pouco regressarem!

Alguns destes últimos, andam por as ruas de uma cidade qualquer, agasalhados pelo calor de um «cartão», arrumando carros, mendigando pão.

Mas quase todos, a maioria, continuam a ser rectos no carácter.

Também conheci alguns daqueles a que chamo os “Bem de Vida”, os «Franciscos» e os «Gonçalves», os «Albertos», os «Litos», os «Pintos», os «Barrosos» e os «Barrosanas», os «Vilelas» os «Barreiras», os «Antónios», os «Manuéis», as «Adelaides», as «Marianas», as «Milús», os «Joaquins», os «Jorges» e os «Carvalhos», os «Fracos» e os «Valentes», os «Belchiores» e os «Gaspaes», os «Mateus» e os «Pereiras», os «Henriques» e os «Martins», outros quejandos e afins, etc.

Alguns, com preocupações sociais, solidários, mecenas, filantropos, etc.

Estes, considero, rectos no carácter, determinados no saber e, quase sempre bafejados pela sorte.

Outros, invejosos de algumas migalhas que transbordem para o papo de alguns “Sem Abrigo”, considero-os «coisas» a evitar e, normalmente costumeiros na “arte” da corrupção.

O caminho do engano nasce sempre estreito, mas sempre encontrará quem esteja disposto a ajudar a alargá-lo; É como o comer e o coçar, vai do começar...

I. V.

Não cito nenhum autor e ou fonte porque me é indiferente que outros tenham, possuam ou defendam ideias, práticas e ou teorias idênticas às minhas e, porque nunca pretendi plagiar absolutamente nada nem ninguém, também não é minha preocupação a busca intensiva se já alguém escreveu ou defendeu algo semelhante. A minha fundamental preocupação é a busca e ou a defesa da justiça e da verdade. Além de que aquilo que conhecemos, é a síntese daquilo que aprendemos mais alguma coisa que acrescentamos .

Uma vasta experiência da diversidade humana, um longo encontro dos homens, a vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se o encontro for fraterno.

Uma palavra deve dominar as relações entre homens, «COMPREENDER». Nunca compreendemos bastante e muito menos em demasia.

V.

Nunca me escusei a esforços com o objectivo de entender o meu semelhante.

Assim, ao longo de mais de meio século de existência, nessa ânsia de compreensão e de encontrar razões, causas para determinadas atitudes e comportamentos, constatei – para minha estranheza – que uma das causas, motivações, para o agir prepotente, arrogante e nefasto para comigo por parte de pessoas das quais eu esperava, até, simpatia algo superior – embora não a desejasse,

pois sou contra toda a forma de favorecimento em relação com os demais – àquela que dispensariam à maioria, era o sentirem que eu pertencia aquela tão rara quanto distinta linhagem dos homens que se tornam senhores, em primeiro lugar em Educação, Honestidade, Cultura e Boas maneiras, coisa, aliás, tão rara que muitos, a maioria, talvez, demasiados, com certeza, nem chegam a suspeitar que existe, enquanto outros, já dela tendo ouvido falar, não têm sequer a mínima ideia do que seja, e como não entendem, tentam destruir.

Deveriam também saber que os verdadeiros senhores são também aqueles que sabem assumir a responsabilidade nos fracassos, usando a primeira pessoa do singular e falando no plural quando se trata de celebrar êxitos.

Sob o ponto de vista político, o regime em que os Governos são fiscalizados pelos representantes da opinião pública, em que estes votam as bases da legislação sob um conjunto de garantias rigorosamente determinadas, buscando por aqueles meios a progressiva igualização de oportunidades a todos os membros da sociedade, esse regime denomina-se ‘Democracia’.

A vontade geral concebo-a como sendo a vontade de um qualquer indivíduo humano, sempre que este para proceder toma uma atitude de pensar objectiva, racional, geral. O ente animado de vontade geral é aquele em que o cidadão coincide com o homem, aquele que subiu do indivíduo à pessoa, do plano biológico ao plano do espírito. O equilíbrio dos direitos consiste por uma parte em que não haja usurpação dos direitos de alguns indivíduos em detrimento dos direitos de outros, e pela outra parte em que não haja tão pouco nos direitos da comunidade ou do Estado, um dano dos direitos particulares, e vice-versa. E para se resolver se um direito qualquer é usurpado

ou é legítimo, o único critério é a natureza das coisas que nos marcará o limite de cada direito.

Demagogos, sempre existiram, mas já na ‘Antiga Grécia ‘ não tinham direito de cidade.

Já na evolução da ‘Velha Polis Grega ‘ a Filosofia do séc. IV, trouxe como necessária a crítica da Liberdade que não estivesse assegurada pelas formas éticas da cidadania.

Por mais eleições que tenhamos continuaremos, por este andar, reféns de pessoas, partidos e instituições assaltadas por homens (?) sem escrúpulos, exíguos de gente e de princípios que tomaram uma linha de orientação que cresce na mediocridade do afastamento daqueles que se comportam honestamente, daqueles que discordam, que pensam melhor mas diferente, que exigem reflexão, que primam pelo estudo e pela análise, que se debatem pelo interesse geral, que querem estudar e por em pratica alternativas ao Status quo de há um século, que nos trouxe até esta lamaceira;

A Liberdade humana é, para mim, o tema mais apaixonante, mas também mais complexo de todos os que tenho estudado. Nele - NO TEMA DA LIBERDADE HUMANA - se envolvem a Psicologia Racional, a Ontologia, a Cosmologia e, obrigatoriamente, uma Concepção do Principio que governa a realidade, porque há Governo no Cosmos, na matéria elementar, nas formas de evolução da Vida. Há um sentido, uma ordem básica que está subjacente à fenomenologia natural e permite a sua decifração parcial, nas Artes, na Ciência, na Filosofia, em resumo, existe um anti-caos e faça-se a representação mais ou menos antropomórfica que se quiser ou puder, a verdade é que temos de tomá-lo em conta quando se discute a liberdade do homem. É deplorável ver deliberar-se unicamente quanto ao fim que

previamente se tem em vista - A EXISTÊNCIA DE FANTASMAS QUE ASSEDIAM A MENTE HUMANA, SERÃO A CAUSA DE TAL «IGNORÂNCIA» - em vez de se analisar cuidadosamente e minuciosamente, os meios, as provas apresentadas!

A vontade que se compraz numa delas - VERDADEIRA OU FALSA - mais do que na outra, desvia o espírito de considerar as qualidades daqueles de que não se gosta. E deste modo, julga-se pelo que ilusoriamente se quer ver aí .

Quando alguém descobre imperfeições e vícios, que temos, com efeito, é por demais evidente, que não nos prejudica, pois que não são eles que estão em causa, porque até nos ajudam a livrar-nos de um mal que desconhecíamos, a saber: A IGNORÂNCIA DESSAS IMPERFEIÇÕES E OU VÍCIOS. Até porque é também justo que sejamos conhecidos por aquilo que somos e fazemos e não por aquilo que aparentamos ser e ou fazer...e assim, não devemos ficar contrariados. Bem sei que os pensamentos de muitos homens variam com os raios fecundantes - OU NÃO - do sol que Júpiter lhes manda.

Sempre me debati contra, por detestar, a intervenção de mangas-de-alpaca com um passado de dignidade duvidosa e relações sempre estreitas com o Poder não obstante o facto de se reclamarem de independentes; repudio de idêntica forma aqueles que se chamam a si mesmos de operacionais, - MAS SEMPRE ESCONDIDOS POR DETRÁS DE GUARDA-COSTAS, OUTROS QUEJANDOS E AFINS - **evidenciando a sua capacidade de persuasão, digo, pressão pela atitude corporal do tamanho do grupo, da conta bancária ou dos ditos guarda-costas, mas usando sempre códigos de gangue e linguagem de carroceiros. Para uns e para outros, razão, discursos eloquentes ou racionais, cheiram-lhe sempre a conversa mole e, devido à presunção de superioridade que sempre evidenciam, nunca lhes**

são bem-vindos, pois, o que pretendem criar - E VÃO-NO INFELIZMENTE CONSEGUINDO - é um mundo onde só interessa o lucro e o poder a qualquer preço e no qual possam atropelar a bel-prazer os mais elementares princípios cívicos e morais.

Pelo contrário, confesso que tenho visto no espelho onde me miro, um consolo para as «frustrações» de quase nunca reagir à arrogância gratuita e à estupidez (bem pior que a ignorância).

Confesso, porém, que começo a estar cansado de não passar assim de um humilde e modesto «finório» ingénuo, chamado dessa forma por omissão de atributos outros, não beneficiando em nada com isso e pelo contrário muitas vezes prejudicado.

Tenho mais de meio século de existência e nunca, até hoje, elaborei algo que pudesse ter o perfume ou alguma semelhança com a denúncia, tão veementemente por mim combatida em tempos idos, mas após tantas injustiças sofridas na carne e no espírito, vejo-me praticamente obrigado a ceder a tal tentação.

Apelo, apenas e por enquanto às entidades responsáveis pelas regulações para analisarem e estarem bem atentas aos verdadeiros fins e práticas de algumas pessoas e ou instituições sujeitas às suas regulações, pois, devem, em minha opinião, conduzir o ser humano à condição de liberdade, à felicidade, à garantia dos seus direitos, a procurar a justiça, a paz e o amor em lugar de permanecerem autistas e cegos.

Para que tal aconteça devem incentivar, despertar a consciência ética, ensinar a analisar, a filtrar aquilo que como entidades reguladoras pretendem que seja por nós adquirido, aquilo que desejam passar, numa palavra, aquilo que REGULAM.

Devem ainda apoiar, defender aqueles que um pouco mais despertados já veem um pouco para além das aparências, para que seja cada vez maior o número daqueles que pretendam

aprender a separar o trigo do joio, o veneno do alimento, aquilo que torna o homem feliz daquilo que o escraviza. Devem ajudar o homem a livrar-se daqueles que mais não visam do que a obtenção do lucro - QUANTO MAIS FÁCIL MELHOR E QUANTO MAIS «ROUBADO» MELHOR SABE - , dos cultuadores do ter e do poder a qualquer preço, da corrupção e da humilhação do semelhante.

E afirmo o que acabo de escrever, também a modos de aviso, de conselho a todos aqueles que julgam estar a edificar um mundo, melhor, um novo império do lucro em detrimento de multidões de desempregados, de marginalizados aos quais podem espezinhar como lhes aprouver; A história é mestra e já demonstrou vezes sem conta esse vil engano e até a queda de impérios poderosos que ruíram em consequência da ganância desenfreada, da corrupção e do egoísmo atroz. E agora mais do que nunca, pois - E AINDA BEM - vivemos uma era em que os benefícios da evolução e do progresso, da técnica e da ciência começam a ser, postos ao serviço de todos, dirigidos ao bem comum e a não permanecer apenas, concentrados nas mãos de uns poucos poderosos e quiçá, muitos desses poucos, corruptos, que nem tão pouco proporcionam àqueles que não têm oportunidade de consumir, direito a viver.

Esses inobservantes da ética, cultuadores da arrogância - REPETIREI ATÉ AO INFINITO - podem levar a humanidade a consequências catastróficas e imprevisíveis; os meios de comunicação e como afirmei, as novas ferramentas da tecnologia, da comunicação e da ciência já colocadas ao dispor de todos, inclusive dos mais pobres - que embora sendo pobres ainda não são um resíduo inoperante, incapaz, inofensivo (MESMO QUE DESAFIADO E AGREDIDO GRATUITAMENTE) e totalmente analfabeto da sociedade, que ficou para trás e não acompanhou o desenvolvimento dos bem de vida ó **são armas**

poderosas e os responsáveis pelos males que enumerei devem ficar alertados com os exemplos já acontecidos e com as consequências sociais já detectadas.

Fim ao:

“Para uns, manhãs plenas de flores/Meio-dia de frutos e doçuras/Tardes de encantos mil noites d’amores, /Sonhos de gloria, afectos e venturas;

Para outros: As noites não têm lua/ O sol é sem calor; o ar sem perfume/O leito. Sem enxerga! A mesa nua!

É contemplando-nos no olhar que os outros nos dirigem que uma pessoa costuma construir o Si-mesmo, pela imagem de si que ela pensa dar-lhes e através de juízos sobre Si-própria que lhes atribui.

A consciência existencial, a consciência de se existir e de se ser Si-mesmo é, pois, produto simultaneamente da intuição das percepções de si por outrem; E é também a consciência moral.

O sentimento do bem e da obrigação resulta da síntese de influências que uma pessoa sofre graças à sua sensibilidade simpática aos juízos dos outros.

Ora, julgando apenas de um determinado ponto de vista, muito frequentemente corremos o risco de não entender ou subestimar outras formas, outros pontos de vista.

Tudo o que inicialmente começou inquinado, dificilmente será saudável!

Muito tempo existe que a mentira e ou a enganação, o engodo, o erro, se tem posto em pés de verdade, ficando muitas vezes a verdade sem pés e com dobrada força a mentira; e é força que sustentando-se em pés alheios, ande no mundo, a mentira muito de cavalo.

Mente-se por ignorância, mais por estupidez, por incompetência, por inveja, por niilismo, por falta de gosto por aquilo que se faz, por lacueirice, etc.

A mentira, tem, contudo, uma marca da personalidade de quem mentes, se assim não fosse, não teriam já os gregos estudado os mecanismos da mentira e da enganação. Foi com os Sofistas, hoje será com os falsos, os incompetentes e com os corruptos, que se tornou necessário saber distinguir o verdadeiro do falso; Tarefa iniciada por Sócrates que se bateu cara-a-cara com os Sofistas, vendedores da arte da enganação, em diálogos imortalizados pelos escritos de Platão.

Mas também já ele, Platão, em Hípias Menor, alertava que só pode contar mentiras quem sabe a

Verdade.

Este mundo seria bem mais justo e melhor se todos os indivíduos seguissem o caminho da justiça e da verdade,

Já alguém reflectiu acerca do facto de que não há crime que desaproveite a mentira e ou a enganação? É que a mentira é a grande dificuldade com que a justiça se depara devido à arte da enganação e da dissimulação daqueles que mentem com o objectivo de dissimular e encobrir as suas acções criminosas! Acrescente-se ainda a arrogância com que usualmente se defende a mentira. É que quer a mentira, quer a arrogância gratuita, são defeitos humanos provenientes de deficiências psíquicas originadas por um conjunto de falta de informação, de competência, de conhecimento, de ignorância e mais de estupidez, de incapacidade mas também de formação cívica e moral deficiente, de repúdio pelos elementares precíprios humanos, de debilidade psíquica e de mentalidade atrasada e retrógrada; É um todo composto por estes ingredientes, os quais entram na sua composição em proporções diferentes, segundo cada caso.

A consequente consciência do seu baixo valor, gera um complexo de inferioridade e de inveja que instintiva e reflexamente tentam combater, superar e encobrir com um outro complexo, mas agora de persuasão de superioridade. Este último complexo tem ainda por missão reflexa o encobrimento de incapacidades para se desempenhar as funções que o status lhe exige. O status é a localização do indivíduo na hierarquia social, de acordo com a sua participação na distribuição desigual da riqueza, do prestígio e do poder.

Então o status que são factos sociais em que a cada posição corresponde um complexo de maneiras de pensar, agir e mesmo sentir, exteriores ao indivíduo, dotadas de poder de coerção, em virtude do qual se lhe impõem, o problema começa com a incapacidade mental e intelectual que desta forma não está condicente com o referido status inerente à conta bancária, menos ainda com o status inerente à profissão, que numa boa parte

destes casos foi obtida por 'Cunha quadrada em buraco redondo' .

É contemplando-nos no olhar que os outros nos dirigem que construímos o nós-mesmos, pela imagem de nós que pensamos dar-lhes e através de juízos sobre nós-mesmos que lhes atribuímos.

A consciência existencial, a consciência de se existir e de se ser si-mesmo, é um produto simultaneamente da intuição das percepções de si por outrem; é também a consciência moral.

O sentimento do bem e da obrigação, resulta da síntese de influências que uma pessoa sofre, graças à sua susceptibilidade prática aos juízos dos outros.

Julgando apenas de um determinado ponto de vista, muito frequentemente corremos o risco de não entender ou subestimar outras formas, outros pontos de vista.

Confesso que sinto grande tristeza por constatar que a sociedade da qual faço parte, por inerência de espécie, se vai habituando a conviver com contravalores e perdendo a capacidade de distinguir o justo do injusto, o veneno do alimento, o verdadeiro do falso, o trigo do joio. É que de tal forma tudo o que é desprovido de carácter ético, se começa a impor como legítimo, que não só me entristece como já me assusta.

A consequência do referido, é o desconhecimento descontrolado da corrupção, do abuso do poder e ainda mais marcadamente do abuso dos poderes imediatamente abaixo do poder, da arrogância, da prepotência, do favorecimento pela impunidade. Dá-se uma tal diminuição das considerações éticas, tais como: não está de acordo com os artigos x e y juntos, repúdio pelos mais elementares direitos do homem, desconhecimento total de que o homem é simultaneamente um ser numérico e fenoménico, ataque cerrado e feroz ao estado social. Em suma, está-se a instalar uma cultura do TER em desprestígio e desbenefício do SER!

É por tudo isto que eu desejo, é mesmo meu desejo profundo que alguns «generalotes», caciques e mangas-de-alpaca de meia-tigela, considerem, ao menos uma vez, seriamente e sem pressa, olharem-se a si mesmos e conhecendo-se, que proporção existe, voltando-se para si mesmo de novo, considerem o que eles são em comparação com o que existe?! Então que um OUÇÃO lhes ofereça, na pequenez do seu corpo, pensamento são e honesto agir.

Eu estou convencido de que até hoje, muitos homens, construíram concepções falsas sobre si próprios, sobre o que são, o que deveriam ser, o que fazem e o que deveriam ser...

Estou mesmo convencido que os fantasmas dos seus cérebros ganharam o domínio

sobre eles.

Quanto mais o homem pensar, tanto mais delicadamente sentirá, quanto mais se respeitar a si mesmo, tanto mais respeitará o semelhante, tanto mais respeitado será por este, e tanto maior será o seu afastamento dos outros animais; Quanto mais se demarcar efectivamente dos outros animais, tanto mais se aproximará da verdadeira essência do mundo do homem, do conhecimento e de DEUS.

Reafirmo ainda que é com imensa magoa que sinto os olhos ofendidos e é ofensa não tanto dirigida contra pobres, desprotegidos e incultos, nem mesmo contra advogados e juizes que muitas vezes são obrigados a defender e julgar criminosos sem escrúpulos fruto de vis e enganosos testemunhos, como contra incompetentes, «lacueiros», mangas-de-alpaca que se julgam alguém, mas que apenas se apoiam na força e poder alheio, na força e no poder daqueles que de vez em quando lhe atiram ó aos primeiros - umas migalhas para debaixo das fartas mesas destes (segundos).

Eu sei não possuir bens exteriores, esses dependem fundamentalmente da fortuna, mas sei possuir bens interiores que dependem exclusivamente da minha vontade livre; Ora como a vontade por inclinação natural só deseja aquilo que o entendimento lhe apresenta como possível, é certo que se considerarmos todos os bens exteriores como igualmente afastados do nosso poder, não lastimamos mais a falta daqueles que são devidos ao nascimento, quando deles privados sem culpa nossa, do que lastimamos não possuir o Sol e Lua! Disponho tão absolutamente do meu pensamento que só isso me basta para me considerar mais rico e feliz que quaisquer outros homens, que não tendo a minha filosofia, este meu pensar, por muito favorecidos que sejam pela natureza e ou pela fortuna, não dispõem como eu ó como o je ó de tudo o que quero.

Sempre tive a lucidez e a convicção, confirmada vez após vez, de que todos aqueles que infringem no semelhante, por juízo deliberado, um dano, que primam pelo enriquecimento a qualquer custo, que até ganham dinheiro com o que não fazem e que teriam obrigação de fazer, se movem por interesses mesquinhos, permanecem quase sempre nas trevas da sociedade, só raras vezes vistos enquanto o sol ilumina, mas quase só em noites que até a luz da lua escasseia.

Em minha opinião, nada nem ninguém é mais nocivo à sociedade, ao mundo e ao homem do que esses carroceiros, esses frustrados que vendem a sua incompetência e lacueirice através de uma falácia propagandista e que ganham dinheiro com a própria incompetência «lacueira».

Sentir é tomar decisões de acordo com julgamentos de valores próprios, tais como:

Bom. Mau, inteligente, ignorante, certo, errado, agradável, desagradável, ao invés de julgar em termos de lógica ou eficiência, como no pensar.

O nosso inconsciente necessita da nossa mente para funcionar proveitosamente para os fins, os propósitos da humanidade. O nosso inconsciente busca sempre os seus propósitos colectivos e nunca o destino individual seu individual proprietário humano.

Mesmo quando julgamos fazer o que «queremos», esse mesmo «querer» depende das tendências e instintos que governam o princípio do prazer existente já nos outros animais!

No que a mim diz respeito, garanto que procuro o que minha razão «quer», entendida esta como a faculdade de encontrar a verdade e descobrir o bem.

Não me escuso a esforço, contudo, no sentido da minha não submissão à «razão» que com razões e sempre com mais e melhores razões destrói o homem, defendendo fanaticamente ideologias, justificando interesses, preparando metodicamente um mundo inabitável para humanos e no qual estão a perder sentido todos os valores superiores da humanidade. Até porque estou convencido que tais razões apenas nos levarão a conclusões irracionais!

A Razão, ela mesmo, não é fundamento de liberdade, pode certamente, ser factor favorável à e da liberdade; não tem, porém, força ôntica para suportar a liberdade e para mais, foi colonizada por instintos suicidas e, assim, apresenta-se nos nossos dias como elemento adverso à própria liberdade, até porque a razão, por si só, é vazia de valores espirituais; a fonte de tais valores ó espirituais ó e o seu princípio determinante, encontra-se no espírito, só que mesmo este, foi colonizado e dessa forma encontra-se prisioneiro, não só de tendências e instintos, mas também da própria razão. Ao tornar-se dependente das soluções egoístas ou colectivistas dos próprios princípios de organização social do conhecimento, estas fragilizaram-no e cercearam-lhe a própria autonomia.

A liberdade decorre do espírito e da sua actividade, ao passo que a justiça é uma exigência da razão e conclui do exercício desta.

O actor está para a personagem como o conhecimento e a responsabilidade estão para a acção. O actor transforma a acção em acto, acto significativo dotado de total objectividade e determinação.

O acto ou acção significativa implica o reconhecimento do outro.

Não é, pois na acção, como processo que se desenvolve, mas no sentido e significado

que ela é susceptível de adquirir que a liberdade ou a manifestação desta, reside.

É por isso que a razão tanto se apresenta domínio da liberdade, como domínio da servidão. Tudo depende de quem e do sentido que lhe é dado.

A determinação do sentido da acção é muito profunda e alcança mesmo, aquela zona em que a subjectividade se conhece e logo e se goza como uma infinita

Disponibilidade que nenhuma decisão perturba e quebra.

O homem não pode, porém, permanecer nesse adolescente estado de apenas formal infinitude. Dele é arrancado pela acção a que os outros deram sentido, os actos significativos que a realidade lhe impõe, os actos em que se torna objectiva e real a subjectividade alheia. Assim os outros ou os actos dos outros fazem-no interrogar-se acerca do que os outros significam para ele, e até do que ele mesmo significa para si próprio. Então dá-se conta que aquela inicial disponibilidade em que começou por se conhecer, constitui uma liberdade vazia, sem conteúdo e mesmo falsa.

Sob a polifonia contrapúntica com que tentais seduzir os meus ouvidos, não ressoará uma baixa fundamental de cólera?! Vontade que não estará muito distante do niilismo pratico e que parece dizer:

Mais vale que nada seja verdade do que tereis vós razão.

Imaginemos nem que seja por momentos uma nova geração formada a partir de seres de tais princípios e impulso heróico para «lixar» o cidadão e ou invejar tudo o que lhe seja superior. Imaginemos ainda o comportamento ousado de tais matadores da sã confiança e da boa convivência e que ainda com orgulhosa temeridade de quem volta as costas ao conhecimento, à justiça e à verdade, hipotéticos entes do engano, da mentira e do oportunismo, convencidos de que assim viverão uma vida plena!

Contra tais matadores de dragões ó que até é o meu signo no Zodíaco chinês ó não deverei eu com apaixonada vontade tentar libertar-me de tais armadilhas e dar à vida uma forma mais pura, mais verdadeira e mais justa?

Aflora-me à mente uma frase dum profeta que tentarei enunciar de cor:

«Ergue o teu coração irmão, bem alto, mais alto mesmo!»

Mas não te esqueças de levantar também os «cascos».

Mantém-te pois na tua civilização e de cabeça bem erguida!

Fui eu que canonizei o meu sorriso em virtude, perante a ignorância e a estupidez, e até hoje ainda não encontrei pessoa forte o suficiente para me descoroar e o meu nome é
REIS.

Bem sei que a repressão nunca é realizada de uma vez por todas, mas por tal razão requer um constante consumo de energia para manter-se e, o reprimido faz tentativas constantes para encontrar uma saída..

A minha mais intensa força emocional é a minha paixão pela verdade, pela justiça e a minha intransigente «fé» na razão.

A razão, que sabe ouvir, quando é preciso, a emoção, é para mim a capacidade humana a poder ajudar a solucionar o próprio problema da existência, no mínimo a ajudar a aliviar o sofrimento de se existir, a dor inerente à vida do homem. E o uso do intelecto depende inteiramente da força do ego.

Acredito ainda que a palavra ainda antes de ser proferida já é som, imagem, cor, odor e já tem textura.

Toda a gente sabe, ou deveria saber, que podemos ter capacidade económica bastante para comprar uma bicicleta, um jumento, um jaguar ou um helicóptero, mas que muitas vezes a inteligência passa demasiado depressa e nós tão distraídos que andamos na busca de bens materiais, não temos tempo para a apanhar!

Então a inteligência passa a fazer parte do grupo que tem incluso outras coisas que não se compram, a honestidade e a bondade, que ou se têm ou não se têm.

O mundo é tal como é, mas é também a nossa visão que o faz ser.

Sempre tive o desejo de orientar a minha vida para além do efémero, para uma existência mais pura e liberta daquilo que se transforma e corrompe. Estou convencido de que estou a ser ajudado neste meu percurso iniciático.

Penso que sustentando-nos num breve exercício de memória e num forte sentido de responsabilidade, temos em nossas mãos o desafio de ir construindo propostas e caminhos alternativos a este destino de autêntico e letal retrocesso.

Se juntos lutarmos contra a incompetência, a má-fé, as cunhas quadradas em buraco redondo e a lacueirice, que se estão a impor, estou convicto de que evitaremos o hipotético lamaçal para onde estamos a ser empurrados.

E se assim não procedermos, não estará longe o tempo em que bateremos mesmo no fundo.

Um povo é um conjunto de cidadãos que se libertam e lutam por manter essa mesma libertação. Os eunucos é que se devoram a si mesmos!

Em dois escolhos se perde a liberdade: No excesso do seu gozo e na temeridade da sua defesa.

Desde a minha juventude e principalmente durante ela, não tenho sido parco em

conflitualidade, quer prática quer teórica, no combate a muitas das opiniões e práticas prevalecentes na sociedade.

Sei ter vindo a por em questão muito do que é obscurecido pela própria moral reinante, nunca me escusei a esforços no denunciar e combater determinados tabus culturais, religiosos e sociais. Porém, nunca fui um contestatário apenas e só porque esta ou estava na moda o protesto, nem mesmo me deixei envolver em demasia pelo sangue na guelraø próprio dessa longínqua adolescência, sempre que contestei ou contesto, procurei, procuro, identificar soluções alternativas, nunca protestei de animo leve, sempre pensei e repensei, indaguei e questionei, sempre tive como primordial preocupação o homem e a humanidade, sempre me acompanhou a preocupação do buraco do ozono, mas confesso que sempre foi minha maior e ou última preocupação o buraco do umbigoø humano, sempre me despertou interesse e preocupação a natureza, mas fundamentalmente a natureza humana.

Sempre dei completa liberdade aos meus semelhantes para lidarem com os factos á sua maneira, pois, sempre reclamei idêntica liberdade para mim.

Sendo natural e residente de um local onde toda a gente conhece toda a gente, compreendo mas não aceito e menos ainda apoio, a mistura de sentimentos pessoais com sentimentos de ordem profissional; É que não é raro com tal mistura o conflito se iniciar com a diferença de ideologia política, se agravar na disputa eleitoral e ter o seu auge, o seu ponto culminante logo que a uma das partes litigantes se apresenta a oportunidade de através da função profissional se achar em condição privilegiada!

Sempre me acompanhou a preocupação moral como horizonte de referência, tenho-me pautado mesmo por uma certa submissão a tais princípios de referência, contudo, tal submissão nunca é o meu horizonte final, procuro sempre uma interpretação hermenêutica, busco mesmo significados ocultos e amplio invariavelmente as minhas preocupações, ao homem e à sociedade.

Como já referi, o mundo é tal como é, mas é também a nossa visão que o faz ser, o m.q., cabe ao homem como único ser racional conhecido, torna-lo ó ao mundo ó inteligível e habitável para humanos.

O que aqui escrevo, pode não ser ó e certamente não é ó um documento científico, mas descreve, sem dúvida, convicções humanas e que simultaneamente são as minhas.

Sempre procurei distinguir-me de outros homens que preferem o estado à justiça, a mentira à verdade, a guerra à paz, o futebol à educação, e sempre combati ditadores e caciques que vêm envenenando os homens com as suas setas ervadas.

Sempre me procurei afastar de pessoas que são livres apenas num sentido: livres da educação que lhe permitiria serem mais honestos, sérios, verdadeiros, competentes e livres!

Não obstante o facto de este escrito já ir algo longo, estou plenamente convencido de que a verdadeira comunicação se encontra para lá das palavras, encontra-se numa faixa psicológica que eu denomino pelo não dito pleno de sentido. É que eu tenho sempre presente de que o não dizer nada, é muito diferente do nada ter para dizer.

Realço ainda a impossibilidade de toda a análise precária da linguagem; há mesmo uma certa semelhança entre esta linha e o princípio da incerteza na física!

De acordo com tal princípio, o observador está intrinsecamente ligado ao fenómeno observado, e que o acto de observação altera não raras vezes as condições da observação.

O significado das palavras, das frases, encontra-se, não raras vezes, para lá do simples enunciado.

Dos meus escritos eu pretendo que leiam qualquer coisa que eu não saiba e qualquer coisa que eu não pretendesse dizer claramente, mas sei só que só posso contar com isso daqueles que por sua vez, esperam ler qualquer coisa que eles não saibam!

Já o afirmei por idênticas ou distintas palavras, que as acções realizadas por puro respeito pelo dever, devem eliminar completamente a influência de inclinações.

Quando o parecer invade o ser, a nossa verdadeira personalidade é prejudicada e a falsidade dessa representação do eu, revela-se aos outros em todo o seu esplendor. Não nos podemos esconder muito tempo debaixo das aparências, os nossos gestos e mesmo os nossos silêncios, traem a nossa representação.

A vida neste mundo pode desencorajar os homens honestos, os homens que invariavelmente obedecem aos imperativos do dever, não são poupados ao redobrar de sacrifícios, ao engodo, às injustiças, enquanto homens desonestos, gozam quase invariavelmente de grandes benefícios e enorme prosperidade; De resto tão bem cantada no poema Camoniano:

Poema ao Desconcerto do Mundo

No Mundo vi sempre passar

Os bons, graves tormentos

Os maus, vi sempre nadar

Num mar de contentamentos!

Fui mau, mas fui castigado! .

Então só para mim

Anda o mundo ordenado!

No que a mim diz respeito, não me submeto na minha conduta, a quaisquer regras a mim exteriores, e ela ó a minha conduta - só depende das regras que a minha vontade me dita.

Sou por gosto um peregrino da verdade, da justiça, da razão, sou, ainda, amante da competência, da celeridade, da boa ética, da liberdade e das boas práticas; sou contra todas e quaisquer cunhas quadradas em buracos redondos, sinto uma sede inteira de conhecer, o desejo inquieto de aumentar o meu saber e a satisfação de todo o progresso já atingido.

A autonomia é o fundamento de toda a dignidade da natureza humana e o respeito por tal dignidade, exige que ninguém seja tratado como humano de segunda, com desdém e nem com acções propositadamente enganosas.

A maior tarefa do homem é saber como desempenhar e compreender correctamente o seu lugar na criação, é saber como desempenhar e compreender o que tem de se fazer para se ser HOMEM.

Reafirmo que é deplorável ver deliberar-se unicamente quanto aos fins que previamente pretendemos em vez de nos acompanhar a preocupação, a competência, a celeridade e a busca da justiça para analisarmos com total isenção os meios que nos são apresentados e os que são fruto das nossas investigações, se e quando as há?!

Como já referi, devemos ter sempre presente que a vontade que se compraz numa delas, verdadeira ou falsa, desvia o espírito de considerar as qualidades daqueles que não pretendemos ver; e deste modo, julga-se apenas e erroneamente pelo que se quer ver.

Se houve filosofo que com uma tocha na mão buscava na luz do meio dia um sábio, hoje por mais que se multipliquem luzes idênticas às do sol, não se descobrirão muitas pessoas com

conhecimento verdadeiro bem como com honradez e sentido de celeridade.

Buscava-se então o conhecimento e a verdade com uma vela, nos dias que decorrem é raríssimo encontrar a verdade e, a meu ver, só já se encontra nas últimas parónimas da vida.

Quase sempre a mentira revela uma verdade: “A verdade acerca da personalidade de quem a enuncia”; por conseguinte não se mente por acaso, ‘por dá cá aquela palha’, mente-se por influência, por subserviência a terceiros, por ignorância, por estupidez, por incompetência, por falta de gosto por aquilo que se faz, por pura «lacueirice». Mas dizia eu, que a mentira tem algum fragmento, alguma marca particular da personalidade de quem mente e julgo ainda, não ser por acaso que já o povo Grego estudasse os mecanismos da enganação. E, também já eles afirmassem que só mentia quem conhecia a verdade!

Tenha-se ainda em consideração o facto de que não há crime que desaproveite a mentira e, a grande dificuldade com que a justiça dos homens se depara é precisamente a dissimulação daqueles que encobrem as suas acções danosas, os seus crimes, bem como a mentira, a enganação daqueles que lhe dão cobertura!

É que o caminho da mentira, da enganação começa sempre estreito, porém encontra sem pre quem ajuda no seu alargamento.

A dignidade do homem reside no facto de ser pessoa e por conseguinte, é a existência da lei moral e da liberdade que o tona superior a todos os outros seres da natureza.

Contra prepotentes, caciques, incompetentes e cultuadores do mal alheio, com apaixonada razão e vontade, tentamos dar à vida uma forma mais justa e verdadeira, digamos basta, digamos não, às enormes probabilidades de podermos ser governados pelo inútil, oprimidos pelo efémero e sufocados pelo supérfluo.

Não permitamos que alguns indivíduos estrategicamente colocados em instituições ou lugares públicos fundamentais, venham a minar por dentro o próprio serviço publicam. A liberdade decorre do espírito e da sua actividade, ao passo que a justiça é uma exigência da razão e conclui do exercício desta.

O actor está para a personagem como o conhecimento e a responsabilidade estão para a

acção.

O actor transforma a acção em acto, acto significativo, dotado de total objectividade e determinação. O acto ou acção significativa implica o reconhecimento, mesmo a descoberta do outro.

Não é na acção como processo que se desenvolve, mas no SENTIDO E SIGNIFICADO que ela é susceptível de adquirir que a liberdade ou a manifestação desta, reside. A acção tanto se apresenta, assim, domínio da liberdade se for efectuada por respeito pelo dever, como se apresenta domínio da servidão, se realizada por seres que ainda não passaram de animal a pessoa, tudo depende de quem dá sentido à acção e do próprio sentido que lhe é dado. A determinação da acção é ainda mais funda e alcança aquela zona em que a subjectividade se conhece e se goza como uma infinita disponibilidade que nenhuma decisão perturba e quebra!

Só que não podemos permanecer nesse adolescente estado de apenas formal infinitude, de tal estado somos arrancados pela acção a que os outros dão sentido, os actos significativos que a realidade nos impõe, os actos em que se torna objectiva e real a subjectividade alheia.

Então os outros ou os actos dos outros fazem-nos interrogar acerca do que os outros significam para nós e acerca do que nós mesmos significamos para nós próprios. É através desta forma, através desta verificação e pensar que nos demos conta de que aquela disponibilidade em que começamos por conhecer, constitui uma liberdade vazia, sem conteúdo, falsa mesmo.

A liberdade não é origem de formas nem de conceitos, nem tão-pouco de ideias; a liberdade é, em minha opinião, princípio de um processo, este sim, gerador de formas, de conceitos e de ideias, mas que tão depressa a promove, logo a abandona.

Se na origem foi a liberdade que deu conteúdo e vida à forma e ao conceito que surgiram, logo no momento seguinte deles foge para os deixar vazios e inertes, ou para se deixar ser substituída por outro conteúdo que os mantenha vivos.

Repare-se por exemplo em Portugal que lutou para atingir a liberdade, nesse instante da revolução conseguida, a vitória é ela mesma a liberdade; Mas logo a sua forma se esvazia desse conteúdo e perecerá se não soubermos ou não pudermos substituí-lo pela segura esperança, destino e fins de uma libertação que perdure!

Princípio, geradora de formas e de conceitos, a liberdade não fica nem numa forma nem num conceito. É em nome da liberdade, graças à liberdade que o homem e a humanidade, seja o mais singular e em cada momento singular da sua existência, seja o mais geral e em cada ciclo do seu decurso histórico, conquistam o que conquistam; a liberdade, porém, é em si mesma inconquistável, nunca definitivamente e na tranquilidade do que é definitivo pode o homem possuí-la, possuir-se dela ou tão pouco abandona-la. Não é serva nem senhora, é ela mesma, liberdade!

Poderá então dizer-se que a liberdade reside no processo o de definir, conceber, pensar, agir.

Já vimos que ela, liberdade, logo abandona o que promove, então o processo só persiste **ALIMENTANDO-SE!**

Por tal razão, Portugueses meus irmãos, a cada dia, mas hoje mais ainda do que ontem, existe absoluta necessidade de alimentarmos a nossa jovem e ténue democracia, a nossa precária liberdade, ou então de pouco serviu o 25 der Abril de 1974 para além de uma alucinatória ilusão.

E não se julgue que é por acaso que existem seres maléficos como os que hipoteticamente aqui refiro, ou pelo que todos estamos a passar como povo com mais de

novecientos anos de história?!

A mente popular, por si mesma e por influências vindas de interesses outros, por sinal bem distintos dos do povo, costumam personificar o acaso. Apelidam-no de malévolo ó ao acaso ó ou benévolo, por exemplo nos jogos chamados de sorte e azar, chamam-lhe sorte, fortuna, boa estrela, ou o seu contrário, dependendo se ganham ou perdem.

Apelidam-no mesmo de «deus» ou «diabo».

O povo desconhecedor da teia causal-natural, em tudo advinha intenções e conspirações secretas.

Porém, basta reflectir um pouco em tal interpretação para verificarmos que o acaso, será o desconhecimento, a ignorância de leis. E é o que pretendem os causadores dos males e sacrifícios por que estamos a passar: A não aplicação de leis reguladoras dos mercados, o mercado «selvagem»!

Tal como no acaso não se afirma a inexistência de causas e o próprio povo objectiva o acaso como causa.

O que se afirma no acaso é o desconhecimento de leis, assim, quanto mais inculto se apresenta o nosso intelecto tanto mais se atribuem coisas ao fortuito, ao acaso, ao mistério!

Não é obra do fortuito e para mim nem do mistério, o julgar-se apenas com o fim que previamente se tem em vista, não é mistério para mim, os cortes na educação, na saúde, nas pensões de reforma e, não é teoria emanada de nenhum» deus» o ataque «brutal» e cerrado ao 'ESTADO SOCIAL'.

É outra coisa bem distinta, é em minha opinião um ajuste de contas.

Temo que já estejamos a ser governados pelo inútil, sufocados pela incompetência e por sentimentos recalçados!

Ou serei o único a sentir que se está a «minar» por dentro a democracia?

Será que não se estará a aproveitar a plasticidade da própria democracia para lhe encomendar o funeral?

Erram todos aqueles que julgam estar a retroceder na história, aconselho-os mesmo a não irem por esse caminho onde vejo alguns mergulharem como ébrio na perturbação e na vertigem, tal é a natureza dessa via.

Nem mais nem menos, todos aqueles que levarem uma vida terrena, recta, justa, sem inveja nem ódio.

Contra prepotentes, caciques, incompetentes e cultuadores do mal alheio, com apaixonada paixão, razão e reforçada vontade, não deverei eu tentar dar à vida uma forma mais verdadeira, dizer basta, dizer não há probabilidade de poder-mos vir a ser governados pelo inútil, oprimidos pelo efémero e sufocados pelo supérfluo.

Não permitamos que alguns indígenas estrategicamente colocados em instâncias e instituições públicas, venham a minar por dentro o próprio serviço social e o público.

A noção de vontade não é pois tão abstracta como possa parecer. Quem obscureceu um facto e a noção correspondente foram os metafísicos com as suas fantasiosas ontologias, bem como os teóricos do direito com as suas intermináveis disputas sobre o que fosse a liberdade e o livre arbítrio. Mas hoje em dia existem outros que se lhe ficam a dever alguma coisa em inteligência e moral ultrapassam-nos como abstractores de quinta-essência!

É que aos de hoje nem tão-pouco lhe assiste a preocupação com observações, senão científicas, pois bem não terem capacidade para tal, ao menos observações sérias, cuidadas e céleresí

Todo o acto ou resistência a um acto, de um modo geral, todo o movimento efectivo portanto, e todo o estado de equilíbrio sem manifestação alguma, qualquer que seja, já o são necessariamente condicionados pela própria organização intrínseca das «realidades», exteriores ou interiores psicológicas, subordinadas estas, por sua vez, a um conjunto de condições que se uma só se modificar ou desaparecer, já o próprio acto e equilíbrio seriam diversos do que foram naquele concurso de condições ou de circunstâncias, sem necessidade de uma qualquer mão ou mente incompetente ou corruptaí

Recuso-me a ceder aqui à tentação, por não me sobrar tempo para isso, a inquirir um pouco mais de perto donde brota, qual é a fonte donde provem tanta raiva à competência, seriedade e inteireza, donde emana tão singular ilusão de que utilizando práticas obscuras e lacueiras, julgam assim viver uma vida melhor e mais plena.

Tais cidadãos, se se afirmam Cristãos, deveriam escutar as palavras de Jesus Cristo: ò Não podeis servir ao mesmo tempo, Deus e o capitalö.

Conheço ainda sofistas que desfiguram princípios com o único objectivo de fazerem crer que têm razão.

Porém, digo a estes sem qualquer rebuço que a verdade e a liberdade, longe de implicarem a supressão de toda a regulamentação, são elas mesmas produtos de sã regulamentação. O estado de natureza é o reino da violência e da opressão e não o do direito. E não pode existir verdades e liberdades para todos senão no domínio da lei e da disciplina.

Também lhes digo que não podem esconder-se atrás de uma pseudo-igualdade social, pois, eu terei de objectar que ela não implica de forma alguma a igualdade moral ou intelectual. Afirmar tal igualdade seria afirmar o absurdo. Creio mesmo que ninguém o poderia afirmar sem que lhe cessasse o uso da razão.

O homem foi realmente criado em natureza para se fazer em liberdade; a sua natureza é de ser livre, mas claro está que o ser livre é o ser que recebe a possibilidade de se fazer livre!

E afirmo aos referidos abstractores que um ser livre é já de certa maneira um ser ilimitado e como ser livre não fica no ponto de inserção de series de fenómenos, mas superior aos fenómenos, digamos, perpendicular à vida, pode atar e desatar as relações do plano a que é sobranceiroí

Assim, o homem é espiritual e livre, vêm daí as suas possibilidades indefinidas no erro e ou na verdade, no bem e ou no mal, no acordo e ou no desacordo do seu querer com as articulações originarias de todo o universo.

Agora, se o homem usasse bem essa mesma liberdade, no sentido da verdade, do bem e da origem, o seu ser de natureza, repossuindo-se em liberdade, viveria em plena harmonia a vida universal, do próprio conhecimento e do amor. Eis o que deveria ser o homem perfeito.

Mas não vive e há-os que eu conheço com enorme insuficiência moral e cívica, i.e., enveredam pelo erro e pelo mal!

E assim e infelizmente hoje em dia é mais este o homem que abunda, e por isso o homem real que está bem longe do puro homem!

É infelizmente este o homem que optou e opta, que usou e usa mal a sua própria liberdade e que enredando as suas relações com os outros seres e com o mundo, vive também longe de Deus e em desarmonia com o universo.

Assim e a meu ver, o homem natural é um homem decaído do estado sobrenatural em

que a natureza, dada em liberdade, pela liberdade se possui, aumentando-se no amor de Deus ou diminuindo-se e perdendo-se em rebeldia e afastamento. O homem autêntico, o homem da realidade, é o ser de liberdade, merecendo ou desmerecendo a vida deiforme e, quando a não merece, descendo da liberdade para a natureza até minguar e obscurecer a própria natureza no que ela teoricamente seria sem Graça, que a põe em condições de escolher o Infinito Bem ou de Ele voluntariamente se afastar.

Já mais que uma vez – PELA ENÉSIMA – tentei defender-me - raras vezes sem prejuízo meu - de libelos perante falsos juízos, e tão convicto estou da minha razão e desses alvitres que resolvi contactar-vos.

Conservo a tenaz e bela esperança de ser por vós entendido e se o conseguir sentir-me-hei infinitamente compensado deste trabalho por julgar que é este o melhor espaço para a explicação passiva da verdade, o mais nobre meio por mim até agora encontrado para se encontrar a justiça.

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me com subida estima

De Vossa Senhoria

Mui Atentamente

(JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS)